

UM NOVO PLATÃO?

H. C. de Lima Vaz

Fac. Filosofia CES-SJ (BH)

REALE, Giovanni, *Per una nuova interpretazione di Platone: rilettura della metafisica dei grandi dialoghi alla luce delle "Dottrine non-scritte"*, 5ª Ed., Milão, Vita e Pensiero, 1987, 720 pp.

Essa obra, verdadeiramente monumental, propõe-se um alvo grandioso e extremamente ambicioso: levar a cabo, através de rigorosa análise textual dos *Diálogos*, e situando-se na perspectiva de uma hermenêutica fundamental do espírito grego, a demonstração definitiva da tese formulada, desde fins da década de 50, pela chamada "escola de Tübingen" (cujos representantes principais são H.-J. Krämer e Konrad Gaiser) e segundo a qual é necessário pôr as chamadas "doutrinas não-escritas" (*ágrapha dógmata*) no centro da exegese filosófica da obra escrita de Platão para que, desses textos, possa emergir em toda a sua grandeza a primeira e a mais audaz construção metafísica da filosofia ocidental. Essa tese dos mestres de Tübingen é apresentada por Reale como uma verdadeira "revolução científica" (no sentido de T. S. Kuhn) na historiografia filosófica do platonismo. E, se pensarmos na posição arquetipal de Platão na história da filosofia ocidental, é toda essa história que passa a ser lida sob nova luz. Com efeito, a tese de Krämer e Gaiser introduz um novo paradigma hermenêutico básico a ser aplicado à leitura dos *Diálogos*, e esse paradigma tende a tornar obsoleto o paradigma até agora vigente, aquele que sustentava a "ciência normal" do platonismo dominante nos últimos dois

séculos. Os dois primeiros capítulos da obra de Reale (pp. 22-87) são exatamente dedicados a expor a teoria epistemológica das "revoluções científicas" de T. S. Kuhn, e a aplicá-la à complexa história das interpretações de Platão, cujos primeiros passos são dados já no seio da Primeira Academia. É importante observar, no entanto, que a tese de Krämer-Gaiser pode ser ilustrada pela teoria das "revoluções científicas" no sentido de Kuhn, mas dela não depende, tendo seus autores desenvolvido suas investigações sem qualquer referência à teoria kuhniana. O terceiro capítulo (pp. 90-121), também introdutório, é de grande importância. Nele, Reale mostra a fundamentação do novo paradigma nos autotestemunhos do próprio Platão e dos primeiros discípulos. Assim, o paradigma da escola de Tübingen (de agora em diante devendo ser chamada, com toda justiça, escola de Tübingen-Milão) se defende da acusação de anacronismo ou de projetar, sobre o texto platônico, problemas e categorias da filosofia do seu intérprete. É esse, como é sabido, um dos riscos permanentes entre os que vêm acompanhando a história do platonismo, e a ele Reale dedica particular atenção.

Giovanni Reale não é um desconhecido para os leitores de *Síntese*. A 3ª edição da sua grande *Storia della Filosofia antica* (5 vols.) foi, a seu tempo, apresentada na nossa revista (*Síntese*, 25 [1982]:104-106)*. Mas convém completar a informação sobre esse grande historiador do pensamento antigo, antes de se passar à análise da sua última grande obra. A *Storia della filosofia antica* (atualmente na 6ª edição, 1988, totalmente refundida na parte que se refere a Platão) é sem dúvida, atualmente, o instrumento de trabalho mais completo posto à disposição do estudioso, tanto do ponto de vista da informação como da análise filosófica. A única obra que se lhe poderia contrapor, a grande *A History of Greek Philosophy*, de W. K. C. Guthrie (Cambridge Univ. Press, 1961ss.) ficou infelizmente interrompida no seu volume VI, dedicado a Aristóteles (*Aristotle, an Encounter*, 1981) pela enfermidade e morte do autor. De resto, segundo previsão do próprio Guthrie (vol. I, p. XI), sua História não incluiria o neoplatonismo e as correntes a ele ligadas. Assim, é a obra de Reale que fica reservado cumprir, para o leitor desse fim do século XX, a mesma função desempenhada pela famosa obra de Eduard Zeller para o leitor da segunda metade do século XIX: a de obra fundamental de referência no estudo da filosofia grega. No entanto, a atividade científica de Giovanni Reale estendeu-se a vários campos de especialização dentro da filosofia antiga. Seu nome tornou-se conhecido com a tese de 1961 (4ª ed., 1985) sobre *Il concetto di filosofia prima e l'unità della Metafisica di Aris-*

* Sua *História da Filosofia* vol. I, em colaboração com Dario Antiseri já tem tradução para o português (Edições Paulinas, São Paulo 1990).

totele. Af, contra a opinião então dominante, apoiada na autoridade de Werner Jaeger e que logo iria receber um subsídio valioso com a tese brilhante de Pierre Aubenque (*Le problème de l'être chez Aristote*, Paris, PUF, 1962), segundo a qual os livros da *Metafísica* apresentam-nos duas concepções inconciliáveis da ciência suprema, a *theologia*, ciência dos seres supra-sensíveis, e a *protê philosophia* (filosofia primeira), ciência do ser como ser, Reale desenvolvia uma vigorosa e convincente argumentação em favor da coerência temática e da unidade literária dos livros da *Metafísica*. A leitura aristotélica da tese foi complementada e enriquecida com a tradução e comentário da *Metafísica* (2 vols., Ed. Lofreddo, Nápoles, 1968), obra só comparável, pela riqueza da informação e penetração exegética, ao famoso comentário inglês de W. D. Ross. A contribuição de Reale aos estudos sobre a filosofia pré-socrática é representada pelo volume *Gli Eleati*, constituindo o tomo I, 3, da célebre tradução e atualização italiana de E. Zeller, iniciada por R. Mondolfo e continuada por seus discípulos, o Zeller-Mondolfo (ver *La Filosofia dei Greci nel suo sviluppo storico*, vol I, 3, Florença, La Nuova Italia, 1967) e pelo volume sobre Melisso (*Testimonianze e frammenti*, Florença, La Nuova Italia, 1970) que renova profundamente nosso conhecimento da história do primeiro eleatismo. A filosofia pós-aristotélica mereceu, por sua vez, a atenção penetrante de Reale, tendo ele dedicado importantes monografias a Teofrasto, a Pirrão de Élide e a Proclo. Tradutor emérito de diversos *Diálogos* de Platão para a coleção *Il Pensiero* (Brescia, Ed. La Scuola) ninguém, pois, tão, bem preparado quanto o Prof. Giovanni Reale para expor e avaliar o novo paradigma de interpretação do *Corpus platonicum* proposto pelos mestres de Tübingen.

Quais as origens desse novo paradigma e qual sua significação para a interpretação da obra platônica?

Na verdade, a releitura do platonismo proposta por Krämer-Gaiser retoma fios hermenêuticos que se prolongam até a atividade filosófica do próprio Platão e dos seus discípulos no seio da Primeira Academia. Como é sabido, a tradição nos legou duas imagens de Platão: o Platão dos *Diálogos* e das *Cartas* e o Platão das chamadas "doutrinas não-escritas" (*agrapha dogmata*)¹. Presumivelmente os primeiros discípulos de Platão não encontraram dificuldade em harmonizar as duas imagens do Mestre, a do escritor e a do professor. Por sua vez, os ecos do ensinamento oral de Platão prolongaram-se por toda a Antiguidade, sendo identificáveis, por exemplo, no paradigma neo-platônico como mostrou justamente Reale (p. 64), e nos seus prolongamentos na Renascença. Mas já a partir do século XVIII impõe-se quase única a imagem imortal do Platão dos *Diálogos*

1. A fonte principal para o conhecimento do Platão das "doutrinas não-escritas" é Aristóteles. Mas delas se encontram traços em toda a literatura filosófica antiga. Os testemunhos a respeito foram recolhidos por Konrad Gaiser em *Testimonia platonica*, apêndice ao seu livro fundamental que abaixo citaremos, pp. 443-557. Uma seleção de Gaiser com alguns acréscimos e tradução francesa em M.-D. Richard, *L'enseignement oral de Platon: une nouvelle interpretation du Platonisme*, Paris, Cerf, 1986, pp. 243-391; outra coleção dos *Testimonia* com tradução italiana encontra-se em H.-J. Krämer, *Platone e i fondamenti della Metafisica*, Milão, Vita e Pensiero, 2ª ed., 1987, pp. 335-417.

(note-se que Platão é o único dentre os filósofos antigos cuja obra escrita nos chegou na sua totalidade) e é a essa imagem que a crítica moderna passa a dedicar toda a sua atenção. Torna-se, assim, convencional, a imagem de um Platão *exotérico* (o das obras escritas) e a de um Platão *esotérico* (o das doutrinas não-escritas), aplicando-se aqui uma distinção que os Antigos utilizaram também com relação a Aristóteles, porém não com a rigidez que veio modernamente a adquirir. Foi essa primazia reconhecida ao texto dos *Diálogos* que fez surgir e dominar por quase dois séculos o paradigma hermenêutico que se tornou o fundamento da “ciência normal” do platonismo. Ele foi elaborado pela primeira vez, de modo explícito, por F. Schleiermacher (1768-1834), com justiça reconhecido como o iniciador dos estudos modernos sobre Platão, tornando-se célebre a sua tradução alemã dos *Diálogos*. A obra platônica de Schleiermacher insere-se num complexo universo cultural dominado pelo Romantismo e pelo Idealismo alemão e está intimamente vinculada à própria filosofia schleiermacheriana². O postulado fundamental do paradigma de Schleiermacher é o da *autonomia* dos *Diálogos* como obra de arte na qual se fundem intimamente forma e conteúdo, assumindo assim a forma dialógica uma dignidade ontológica que a torna, por excelência, imagem e expressão do Absoluto. Desta sorte, a hermenêutica do platonismo original tem como objeto privilegiado a hermenêutica dos *Diálogos*, fazendo nascer imediatamente os dois problemas que dominaram a literatura platônica do século XIX, o da cronologia dos *Diálogos* e o da unidade do pensamento platônico neles presente. Esse segundo problema acaba, por sua vez, sendo formulado segundo os cânones do evolucionismo então dominante. O paradigma de Schleiermacher mostrou-se inspirador e fecundo para o estudo da estrutura dos *Diálogos* e para as investigações sobre a forma dialógica no socratismo e na literatura grega em geral. Ele deu origem a obras importantes nesse campo, como as de J. Stenzel, P. Friedländer, René Schaerer, V. Goldschmidt, H. Gundert e outros, constituindo referência obrigatória para quem quer que se dedique ao estudo de Platão³. No entanto, o paradigma de Schleiermacher relegava a uma posição secundária e verdadeiramente inexpressiva toda a tradição indireta das “doutrinas não-escritas”, o que configurava uma situação dificilmente assimilável pela ciência filológica. Além disso, no próprio texto dos *Diálogos*, uma passagem famosa do *Fedro* (274 b-278 e) passava a ser uma verdadeira *crux interpretum* para os defensores da autonomia dos *Diálogos*. Trata-se do conhecido mito de Theuth, contendo a condenação do texto escrito e a celebração do ensinamento oral (ver a minuciosa exegese de Reale, pp. 90-105). A essa passagem veio acrescentar-se um tre-

2. Como acontece, de resto nessa época, com a leitura hegeliana de Platão. Sobre as origens e o espírito do paradigma de Schleiermacher ver Krämer, *Platone e i fondamenti della Metafisica op. cit.*, pp. 51-75 e Reale *op. cit.*, pp. 71-83.

3. Ver H.-J. Krämer, *Platone e i fondamenti della Metafisica op. cit.*, pp. 144-149.

cho do documento autobiográfico da *Carta VII* (341 b-344 d), reiterando a mesma doutrina, e cuja autenticidade, confirmada pela autoridade de U. von Wilamowitz-Moellendorf, passou a ser universalmente admitida (ver Reale, pp. 105-117).

A inegável existência da tradição indireta das “doutrinas não-escritas” e os dois textos da obra escrita ora referidos configuravam uma situação anômala para os estudos platônicos diante do avanço da ciência filológica e das próprias exigências da crítica filosófica. Essa situação começava por fazer surgir o chamado “enigma da Primeira Academia”, expressão cunhada pelo grande platonista americano Harold Cherniss, talvez o mais autorizado defensor do paradigma de Schleiermacher no nosso tempo⁴, pois os testemunhos até nós conservados atestavam a importância nela atribuída ao ensinamento oral de Platão. Era, pois, natural que comesçassem a surgir tentativas de reintegração das “doutrinas não-escritas” nos cânones interpretativos do platonismo. Que lugar iriam elas ocupar na interpretação do pensamento platônico? Essa a questão que se tornava cada vez mais decisiva.

A maior parte dos autores entre os que, na sua interpretação de Platão, concederam algum lugar às “doutrinas não-escritas”, consideraram-nas como um fruto dos anos de senectude, obscuras e mesmo praticamente indecifráveis no estado atual das fontes, em todo o caso ocupando uma posição secundária na interpretação geral do platonismo. Essa a opinião de grandes platonizantes do século XX como V. von Wilamowitz-Möllendorf, Paul Friedländer, A. Diés, A. E. Taylor, J. Moreau e outros. Posição extrema é adotada por Harold Cherniss, que considera os testemunhos de Aristóteles sobre as “doutrinas não-escritas” como fruto da ininteligência e mesmo da má fé com que o Estagirita criticou seu Mestre. Mas essa opinião foi rejeitada por W. D. Ross no seu clássico *Plato's Theory of Ideas*⁵, que dedicou ao tema quatro importantes capítulos da sua obra⁶. Uma investigação pioneira nesse campo deve-se a Léon Robin, talvez o maior platonizante francês do século XX. Na sua tese de 1908, *La théorie platonicienne des idées et des nombres d'après Aristote*⁷, Robin tenta reconstruir o conteúdo das “doutrinas não-escritas” utilizando-se apenas dos testemunhos de Aristóteles e sem referir-se aos *Diálogos*. A fecundidade do método de Robin foi por ele mesmo demonstrada na sua leitura do *Timeu*⁸. Na esteira de L. Robin surgiram importantes trabalhos sobre a teoria das Idéias-Números e as “doutrinas não-escritas” como os de J. Stenzel, H. Gomperz, P. Wilpert na Alemanha, J. N. Findlay nos Estados Unidos, Marino Gentile na Itália (ver Reale, p. 77-82)⁹.

4. Ver seu livro *The riddle of the early Academy*, Berkeley, Univ. of California Press, 1945; tr. it., *L'enigma della Accademia antica*, Florença, La Nuova Italia, 1974; ver ainda Krämer, *Platone e i fondamenti della Metafisica*, op. cit., pp. 85-92.

5. Oxford University Press, 1952, pp. 142-143.

6. *Ibid.*, caps. IX, XII, XIII, XV.

7. Paris, Alcan, 1908; reprodução anastática, Hildesheim, Georg Olms, 1963.

8. Nos seus “Études sur la signification et la place de la physique dans la philosophie de Platon”, ap. *Revue Philosophique de la France et de l'étranger*, 43(1918):177-200; 370-415, reproduzido in *La pensée hellénique des origines à Épicure*, Paris, PUF, 1942.

9. Uma história das dificuldades do modelo de Schleiermacher pode-se ver em Krämer, *Platone e i fondamenti della Metafisica*, op. cit., pp. 92-108. Merece referência aqui a obra platônica do filósofo H.-G. Gadamer cuja interpretação dos *Diálogos* tem vários pontos de contato com o paradigma da escola de Tübingen. Todos os escritos de Gadamer sobre Platão foram traduzidos ao italiano: *Studi platonici*, a cura di G. Moretto, 2 vols., Casale Monferrato, Marietti, 1984; ver particularmente vol. II, pp. 120-147.

O novo modelo de interpretação do *Corpus platonicum* (incluindo os *testimonia* da tradição indireta) que viria a ser conhecido como paradigma da escola de Tübingen, nasce, portanto, num terreno longamente preparado. Ele representa uma ruptura definitiva com o paradigma dominante, inspirado em Schleiermacher, na medida em que, não somente aceita a autenticidade e a validade hermenêutica das "doutrinas não-escritas", mas as situa no centro ou, mais exatamente, no ápice de uma visão de conjunto da filosofia platônica. A audácia e a fecundidade hermenêutica dessa iniciativa filológico-teórica só poderão ser medidas com justeza se consideradas a partir de uma obra como a de Giovanni Reale, que estamos apresentando. O trabalho dos estudiosos de Tübingen desenvolveu-se na escola de um grande mestre, Wolfgang Schadewaldt, onde se aliavam rigor filológico e penetração filosófica¹⁰.

A primeira obra a adotar plenamente o novo paradigma foi a de Hans-Joachim Krämer, *Arete bei Platon und Aristoteles: zum Wesen und zur Geschichte der platonischen Ontologie*¹¹. Nessa obra verdadeiramente fundamental, Krämer investiga a formação e o desenvolvimento da ontologia platônica a partir da noção central de *areté* ou "excelência" (impropriamente traduzido por "virtude"). Essa noção, constitutiva do núcleo mais profundo da vida espiritual grega, é transposta por Platão ao plano de uma *ontologia* ou ciência do ser cujas categorias mais significativas são a noção de "ordem" (*táxis*), de "medida" (*métron*) e "justo meio" (*mesôtês*) e, finalmente, de "bem" (*agathón*). Essa ontologia delineia-se nos *Diálogos*, e Krämer examina particularmente o *Górgias* e a *República* para a noção de *táxis* e os *diálogos tardios* para a noção de *métron* e *mesôtês*. Mas os fundamentos da ontologia da ordem e da medida, apenas alusivamente indicados nos *Diálogos*, só podem ser explicitados com o recurso às "doutrinas não-escritas". É esse o caminho seguido por Krämer a partir da III parte do seu livro, onde é discutida a significação das célebres "Lições sobre o Bem" de Platão mencionadas por Aristóxenes de Taranto e a ontologia platônica, abrangendo as fontes do Platão "exotérico" e do Platão "esotérico", é situada num arco teórico-histórico que vai de Parmênides a Aristóteles. A obra de Krämer assinala o início de uma longa querela entre os estudiosos de Platão, sobre a qual nos pronunciaremos ao final desta nota. Ela foi logo seguida pela do seu colega de Tübingen, Konrad Gaiser: *Platons ungeschriebene Lehre: Studien zur systematischen und geschichtlichen Begründung der Wissenschaften in der Platonischen Schule*¹². Como anuncia seu título, a obra tem por objeto o estudo das "doutrinas não-escritas", situadas no meio de ensinamento e pesquisa

10. É aqui a ocasião para observar que a Universidade de Tübingen tornou-se o *haut-lieu* por excelência dos estudos platônicos por seu *Platon-Archiv* organizado por Konrad Gaiser, contendo riquíssima biblioteca especializada e cerca de 600.000 fichas reunidas, por Georg Picht em vista de um léxico platônico.

11. Heidelberg, Carl Winter, 1959 (2ª ed. 1967).

12. Stuttgart, Klett Verlag, 1963 (2ª ed. 1968).

da Primeira Academia, e investigadas naquele que é o seu aspecto mais difícil e mais original: a relação entre matemática e ontologia. Gaiser parte de lugares clássicos dos *Diálogos* como a *República VI*, o *Timeu* e *Leis X*, e utiliza a fundo os *testimonia* que informam sobre a estrutura ontológico-matemática do universo como objeto próprio da ciência platônica (I parte). A II parte do seu livro é um amplo estudo das relações entre História e Ontologia em Platão, tomando como ponto de partida o mito do *Político* e aplicando sistematicamente à visão platônica da história a teoria dos Princípios ou a ontologia matemática desenvolvida na I parte. A originalidade dessa II parte revela o propósito teórico dos mestres de Tübingen, qual seja o de mostrar a fecundidade — e atualidade — da metafísica platônica dos Princípios, reconstituída sobre a base da articulação dos *Diálogos* e das “doutrinas não-escritas”, acompanhando sua *Wirkungsgeschichte* na história da cultura ocidental. É justamente a estudar um aspecto da influência da ontologia platônica que é dedicada a III parte do livro de Gaiser, onde é realçada a posição de Platão na história do pensamento científico. Como foi observado (nota 1 *supra*) é em apêndice a esse livro que Gaiser publicou e comentou filologicamente, pela primeira vez, os *Testimonia platonica* da tradição indireta.

A essas duas obras veio juntar-se posteriormente, como texto de referência do novo paradigma, o livro de Th. A. Szlezák, *Platon und die Schriftlichkeit der Philosophie: Interpretationen zu den frühen und mittleren Dialogen*¹³. Sem recorrer às “doutrinas não-escritas”, Szlezák analisa os primeiros *Diálogos* e os da maturidade (*Fedon*, *Banquete*, *República*), à luz da crítica do texto escrito exposta no *Fedro* (os capítulos 1 e 2 são dedicados a esse diálogo). A conclusão dessa análise e uma referência ao *Eutídemo* (cap. 3) permitem estabelecer no cap. 4 aquele que é considerado o “princípio estrutural” do diálogo platônico, ou seja, a ajuda que o *logos* oral deve trazer ao *logos* escrito. Assim, longe de ostentar uma completude e autonomia que o encerram em si mesmo, segundo o postulado de Schleiermacher, o diálogo platônico, enquanto texto escrito, apela para o ensinamento oral o que, conclui Szlezák, “obriga a tomar a tradição indireta em séria consideração” (*op. cit.* p. 330; ver Reale, pp. 127-128).

A rica produção científica de Krämer e Gaiser, posterior às duas obras iniciais, dedica-se quase toda a ilustrar e corroborar o novo paradigma por eles proposto para a interpretação de Platão¹⁴. Entre os livros de Krämer, dois merecem especial referência. O primeiro¹⁵ estuda a origem da metafísica do Espírito (*Noûs*) desde Xenócrates, na Primeira Academia, até Plotino. O final dessa obra (pp. 403-447) estuda a íntima relação entre a

13. Berlín, Walter de Gruyter, 1985; tradução italiana de Giovanni Reale: *Platone e la scrittura della filosofia*, Milão, Vita e Pensiero, 1988.

14. Ver as referências a Krämer e Gaiser na bibliografia do livro de Reale, pp. 656-669. Sobre a produção científica de H.-J. Krämer ver *Platone e i fondamenti della Metafisica*, *op. cit.*, Ap. V, pp. 437-448.

15. *Der Ursprung der Geist-metaphysik: Untersuchung zur Geschichte des Platonismus zwischen Platon und Plotin*, Amsterdã, Verlag P. Schippers, 1964.

metafísica do Espírito e a idéia de uma *mathesis universalis*, ligada, por sua vez, à identificação entre o mundo das Idéias e o intelecto divino, acompanhando a sua evolução até Hegel. O segundo, escrito a pedido de G. Reale e publicado na versão italiana deste último¹⁶, é uma apresentação histórico-teórica do paradigma hermenêutico proposto pela escola de Tübingen, suas razões históricas e seu alcance. Em forma sintética e vigorosa, Krämer apresenta aí a chamada Teoria dos Princípios, ápice da metafísica platônica e cujo conteúdo, ainda que de maneira fragmentária, foi transmitido pela tradição indireta. Mostra a sua relação com a doutrina dos *Diálogos*, acompanha a sua evolução na Antigüidade e, na III parte (pp. 239-309), mostra seu alcance filosófico à luz de correntes importantes da filosofia contemporânea (filosofia analítica, filosofia transcendental, hegelianismo, fenomenologia e heideggerianismo). A bibliografia, em ordem cronológica, sobre o problema das “doutrinas não-escritas” vai de Brucker (1742) ao próprio Krämer (1987) e é um importante instrumento de trabalho. Entre os livros de Gaiser convém destacar seu estudo sobre a concepção da história em Platão, que antecipa a III parte da obra sobre as “doutrinas não-escritas”¹⁷ e os ensaios sobre Platão como escritor filosófico¹⁸.

O livro de Reale pode ser considerado como a coroa de todo esse labor interpretativo do *Corpus platonicum* desenvolvido nos últimos trinta anos pela escola de Tübingen. Com efeito, o mestre italiano assumiu sobre si a tarefa extremamente ambiciosa, não só de demonstrar a conexão estrutural entre a filosofia dos *Diálogos* e a Teoria dos Princípios reconstituída a partir dos testemunhos sobre as “doutrinas não-escritas”, como também de redesenhar as linhas do Sistema platônico tal como o puderam contemplar na sua inteireza os primeiros leitores dos *Diálogos*, que eram também os ouvintes das lições do Mestre. Para tanto era necessário demonstrar que as “doutrinas não-escritas” não podem ser consideradas frutos tardios e extemporâneos da velhice de Platão, mas que estão presentes e atuantes já desde os primeiros passos do seu pensamento e são perfeitamente identificáveis a partir dos grandes diálogos da maturidade, através de alusões inequívocas neles inseridas por Platão. Assim, depois dos capítulos metodológicos iniciais (caps. 1 e 2) e de ter traçado as linhas essenciais do modelo interpretativo da escola de Tübingen e mostrado o enriquecimento que a leitura dos *Diálogos* recebe da sua aplicação (caps. 3 e 4), Reale empreende na II parte (caps. 5 a 10) um trabalho minucioso para assentar em bases textuais e teóricas a estrutura fundamental do Sistema metafísico de Platão tal como pode ser reconstituído a partir da articulação entre os *Diálogos* e as “doutrinas não-

16. Ver nota 1 supra. O título completo é: *Platone e i fondamenti della Metafisica. Saggio sulla teoria dei Principi e sulle dottrine non scritte di Platone con una raccolta di documenti fondamentali bibliografia.*

17. *Platon und die Geschichte*, Stuttgart, Klett Verlag, 196 (ver *La metafísica della Storia in Platone*, Milão, Vita Pensiero, 1988).

18. *Platone como scrittore filosofico: Saggi sulla ermeneutica dei dialoghi platonici*, Nápoles, Bibliopolis, 1984.

-escritas". O texto em torno do qual gira toda a argumentação de Reale é a célebre autobiografia filosófica de Sócrates no *Fédon* (92 a-102 a) na qual Platão marca o seu distanciamento crítico com relação à física pré-socrática e expõe pela primeira vez, com toda a clareza e amplitude, a teoria das Idéias. A metáfora da "segunda navegação" (*déuteros ploús*), a trabalhosa navegação com remos, aqui usada por Platão para significar a rota que conduz do sensível ao inteligível, é eloqüentemente comentada por Reale, que nela vê a indicação do verdadeiro mapa ou roteiro da metafísica ocidental, pela primeira vez e definitivamente traçado por Platão (cap. 5). A análise cuidadosa do texto do *Fédon* e das claras alusões que Platão nele dispersou permite afirmar que a navegação para o inteligível se faz em duas jornadas: na primeira se alcança o mundo das Idéias, na segunda a teoria dos Princípios (que Reale propõe denominar Protologia). A primeira tem seu caminho traçado nos *Diálogos*. A exposição da segunda era reservada ao ensinamento oral de Platão e dela nos ficaram apenas indicações fragmentárias na tradição indireta (caps. 6 e 7). No entanto, se forem corretamente interpretadas as passagens dos *Diálogos* que apontam para a Teoria dos Princípios como para o seu natural coroamento e seus fragmentos da tradição indireta forem devidamente articulados a essas passagens, é possível obter-se uma visão sinótica do que era o Sistema metafísico de Platão nos seus dois estágios estruturais: as Idéias e os Princípios (caps. 8 a 10).

Se a teoria das Idéias constitui o tópico provavelmente mais célebre de toda a historiografia filosófica, a teoria dos Princípios tem permanecido, desde a Antigüidade, numa desafiante obscuridade. Os trabalhos de Krämer, Gaiser e Reale constituem, sem dúvida, o mais bem sucedido esforço para lançar luz sobre essa concepção que Platão se recusou a consignar por escrito. Como ficou claro desde a primeira obra de Krämer e como Reale sublinha repetidamente ao longo do seu livro, a teoria dos Princípios só pode ser compreendida a partir das intuições e categorias fundamentais do espírito grego. Sendo uma teoria metafísica e mesmo um dos cimos da metafísica ocidental, ela é inseparável da vertente ético-estética que lhe dá sua feição original. É, em suma, uma alta transposição conceptual das categorias de "medida" (*métron*), "bom" (*agathón*) e "belo" (*kalón*) que regiam a vida espiritual do homem grego. Um dos aspectos mais peculiares da teoria dos Princípios, e que mereceu particularmente a censura de Aristóteles, é a íntima relação que Platão estabelece entre Metafísica e Matemática, expressa na célebre concepção das Idéias-Números e na caracterização dos Princípios supremos como polaridade entre o Uno (*én*) e a Díade Indefi-

nida (*adristos duás*). Reale dedica páginas de grande clareza e rigorosa tecnicidade para explicar essa caracterização platônica dos Princípios e do mundo supra-sensível (sobre o Uno e a Díade no cap. 7, sobre os Números ideais no cap. 8). A partir dessas análises, é permitido dizer que o cimo do Sistema metafísico de Platão não é um *dualismo* de princípios (o que, seja dito de passagem, exclui definitivamente Platão da genealogia do Gnosticismo)¹⁹, mas uma estrutura *polar* destinada a explicar dialeticamente a gênese do múltiplo a partir do Uno. Platão se aproxima aqui, quase tangenciando-a, do que será mais tarde a metafísica criacionista. Por outro lado, a distinção entre os números propriamente matemáticos e os Números ideais (esses de natureza estritamente qualitativa) permite compreender a estrutura do mundo inteligível segundo Platão, que constituirá o modelo de acordo com o qual o mundo sensível se desdobrará na sua variedade e riqueza.

19. Uma longa e autorizada discussão sobre o dualismo em Platão encontra-se em C. J. de Vogel, *Rethinking Plato and Platonism* (Supplements to Mnemosyne, 92), Leiden, E. J. Brill, pp. 159-212.

O mundo inteligível é um mundo hierarquicamente organizado, e essa estrutura vertical é explicada minuciosamente por Reale (cap. 9) seja no seu aspecto *ontológico* (níveis do mundo inteligível: seres matemáticos, Idéias, Meta-idéias, Números ideais e Princípios), seja no seu aspecto *metodológico* (procedimentos que Reale denomina “elementarizantes” e “generalizantes”, correspondendo à *synagogê* e à *diáiresis*, mas aplicados aqui à função hierarquizante dos Princípios e para cujo estudo é fundamental o testemunho de Aristóteles, pp. 268-273). O cap. 10 da II parte pode ser considerado o centro de referência de toda a obra no que diz respeito ao seu alcance hermenêutico mais geral. Ele trata das relações essenciais da teoria das Idéias, dos Números ideais e dos Princípios primeiros com a arte e com a espiritualidade dos Gregos.

A III parte tem como objeto estabelecer os nexos estruturais que unem a teoria das Idéias e a Protologia através do exame das passagens centrais da *República* e dos diálogos intermediários outrora conhecidos justamente como “diálogos metafísicos”: o *Parmênides*, a trilogia que ficou incompleta, *Sofista*, *Político*, *Filósofo* e algumas indicações do *Filebo* cuja relação com as “doutrinas não-escritas” de há muito era reconhecida. A análise da *República* na sua parte central (livros VI e VII) merece um cuidado especial (pp. 293-333), pois esse diálogo, reconhecidamente a obra-prima de Platão, é considerado a pedra de toque para se avaliar a legitimidade e o alcance hermenêutico do novo paradigma interpretativo. Reale procura mostrar que a doutrina do Bem (*agathón*), núcleo metafísico da *República*, é deliberadamente proposta por Platão de tal sorte a exigir um prolongamento que não pode ser exposto nos limites do diálogo (ver *Rep.* VI, 506 d-

507 a; 509 c). Esse prolongamento se refere à *essência* do Bem e se supõe que foi confiado à oralidade dialética, já que a promessa de expô-lo não é cumprida em nenhum outro diálogo de Platão (pp. 297-300). É permitido, pois, supor que a *essência* do Bem será identificada, no ensinamento oral, com o Uno e com a medida suprema (*métro*n), desdobrando a partir daí seus nexos axiológicos, gnosiológicos e ontológicos (pp. 313-321). Reale pretende mesmo que é possível descobrir na *República* indicações que apontam para a polaridade estrutural dos Princípios ou para a oposição dialética do Uno-Bem e da Díade indefinida (pp. 321-326). O capítulo que analisa o *Parmênides* — esse brevíário do neoplatonismo — é dos mais complexos e decisivos para os fins da argumentação de Reale (pp. 336-358), pois a dialética do Uno que aí se desenrola é a que, aparentemente, mais se aproxima do que teria sido o conteúdo do ensinamento oral. O longo cap. 13 (pp. 359-403) intenta, por sua vez, reler o *Sofista* e o *Político*, ou seja, a teoria dos gêneros supremos — as Meta-idéias — no *Sofista* e a teoria da “medida justa” ou a metrética axiológica no *Político* (sobre este último ponto ver a importante passagem das pp. 379-385). Um enigma célebre do texto platônico refere-se à promessa, no prólogo do *Sofista* (Sof. 216 a-217 b), de um diálogo sobre o *Político*, promessa, ao que tudo indica, finalmente não-cumprida. Reale (pp. 386-403) propõe a solução desse enigma recorrendo justamente à primazia da oralidade dialética proclamada por Platão, único procedimento apto a desvendar a *essência* do Filósofo, devendo ter sido, portanto, objeto do ensinamento oral consignado nas “doutrinas não-escritas”. Finalmente, o cap. 14 sobre o *Filebo* detém-se na análise das passagens que delineiam, nesse diálogo, uma estrutura metafísico-numerológica da realidade, em clara correspondência com o que é transmitido nas “doutrinas não-escritas” e com particular ênfase no aspecto axiológico da estrutura metafísica do mundo inteligível, de acordo com o objeto do diálogo.

A importância da IV parte da obra de Reale dificilmente pode ser realçada. É, sem dúvida, a mais original, a que exigiu maior esforço teórico e mais minuciosa documentação filológica, podendo ser considerada a contribuição própria de Reale ao paradigma proposto pelos mestres de Tübingen. Tal é, de resto, a convicção do próprio Reale (pp. 425-429). Nela é estudada a difícil questão da Inteligência demiúrgica, dimensão fundamental da cosmologia do *Timeu* e a sua problemática relação com a Protologia. O cap. 15 (pp. 425-429) é profundamente inovador no que diz respeito à imagem usualmente recebida da cosmologia platônica. Com efeito, a doutrina da Inteligência de-

miúrgica, tendo sido exposta por Platão no *Timeu* e, dela não fazendo menção os testemunhos das “doutrinas não-escritas”, poderia parecer marginal e secundária desde o ponto de vista da teoria dos Princípios, ou não assimilável pelo novo paradigma. Uma consequência filosófica grave dessa interpretação seria a atribuição a Platão de uma forma de emanatismo imanentístico a ser explicado pela influência, sobre os mestres de Tübingen, das tendências panteístas do Idealismo alemão. Ao rejeitar tal interpretação, invocando a propósito declarações explícitas de Krämer e de Gaiser (pp. 427-428), Reale se propõe três tarefas: a) mostrar que o problema do Demiurgo já está presente desde o início da “segunda navegação” ou na primeira exposição da teoria das Idéias no *Fédon*, onde aparece, seguindo a inspiração de Anaxágoras, a conexão estrutural da Inteligência (*noûs*), como causa verdadeira, com o Bem: os traços dessa doutrina são então seguidos nos livros VI e VII da *República*, no *Sofista* e no *Político* (cap. 15); b) analisar, sob essa luz, a passagem do *Filebo* (28 c-31 a) na qual Platão discute o problema do “misto ideal” (*meiktón*) e faz intervir a Inteligência demiúrgica como causa (*aitía*) da mistura (cap. 16): nesse caso aparece mais nítida a conexão com a Protologia das “doutrinas não-escritas” (pp. 503-507); c) enfim, analisar amplamente, tendo em vista a Teoria dos Princípios, a doutrina do Demiurgo, assim como é exposta no *Timeu* (caps. 17-20). Ao concluir com a magna questão da operação demiúrgica seu grande livro, Reale completa os traços de grandiosa imagem metafísica do pensamento de Platão que pretendeu apresentar-nos. Trata-se, com efeito, de um problema situado no mais alto vértice do pensamento metafísico grego, aquele pelo qual ele tocará um dia a doutrina bíblica da criação, dando origem à metafísica criacionista. A relação do Demiurgo com o mundo inteligível é o primeiro modelo da doutrina exemplarista que presidirá, pelo menos até Descartes, ao desenvolvimento do pensamento ocidental e em cuja crítica deve ser buscada a origem das modernas filosofias do sujeito. A Teoria dos Princípios, cujos traços se encontram nas “doutrinas não-escritas” representa o esforço supremamente audacioso de Platão para pensar de alguma maneira, na sua gênese dialética, a ordem do mundo ou o “divino” (*theïon*) por excelência tal como o Demiurgo (o Deus platônico) a contempla e a realiza. É esse o sentido mais profundo da “assimilação a Deus” (*omoiôsis theô*, *Teet.* 176 b) que Platão propõe ao Filósofo. Quem, nesses nossos tempos de niilismo ético e metafísico, nutrir alguma dúvida a respeito da atualidade de Platão, reinterpretado à luz da Teoria dos Princípios, deverá ler as últimas páginas de Reale (pp. 620-622).

Em torno do novo paradigma hermenêutico para a leitura de Platão proposto pela escola de Tübingen-Milão, os estudiosos, como é natural, se dividiram. Eminentemente especialistas simplesmente recusaram a nova imagem de Platão, como G. Vlastos nos Estados Unidos, Kurt von Fritz na Alemanha, Margherita Isnardi-Parente na Itália. Na grande monografia sobre Platão que ocupa os volumes IV e V da *History of Greek Philosophy*, W. C. K. Guthrie dedica às “doutrinas não-escritas” e à interpretação de Krämer-Gaiser páginas equilibradas e sensatas²⁰. O livro de Reale é um passo importante e, talvez, definitivo, no sentido da recuperação das “doutrinas não-escritas” e da sua articulação às linhas fundamentais do pensamento de Platão tal como pode ser reconstituído a partir do texto dos *Diálogos*. Mas seria ingênuo supor que a tarefa hermenêutica em torno do texto de Platão tenha enfim resolvido seus grandes problemas. A bibliografia platônica é um campo sem fim justamente porque o texto de Platão, e tudo o que nos foi legado em seu nome, formam um tesouro inesgotável²¹. Desse tesouro Reale nos oferece agora uma soma rara de riquezas. Mas muitas ficam por descobrir.

Dois apêndices importantes completam a presente edição. O primeiro, ricamente ilustrado, é um estudo do engenheiro Pierangelo Frigerio sobre os nexos entre a medida, as relações numéricas, a figura e a beleza na arte grega (pp. 673-704). É um convite a ver na arte grega a representação plástica da Protologia platônica. O segundo é um estudo de Hans Krämer sobre a 4ª edição da presente obra, publicada na *Rivista di Filosofia Neoscolastica* em 1986 e que pode ser considerado o mais autorizado comentário ao trabalho de Reale (pp. 705-720).

Uma palavra final sobre a beleza da realização gráfica, que honra a indústria editorial italiana. Esse livro, sendo obra de alto pensamento, é igualmente uma autêntica obra de arte. Digna da memória de Platão.

Endereço do autor:

Av. Cristiano Guimarães, 2127
31710 — Belo Horizonte — MG

SÍNTESE NOVA FASE
50 (1990): 101-113